

A BOLSA VERMELHA

Louise Moeri Na Revista Virtue [Virtude]

Sei que não devemos julgar as pessoas, mas achei impossível evitar essa atitude quando vi Kennie Jablonsky. Cheguei à conclusão de que ele era a pessoa errada para aquele tipo de trabalho.

Sou enfermeira plantonista, a responsável pela avaliação do desempenho dos trabalhadores do hospital Homeland Convalescent [Convalescentes da Pátria].

Kennie Jablonsky era um funcionário novo, alto e bem forte, de boa aparência, loiro, com o cabelo cortado à altura da nuca, e tinha olhos verde-escuros. Após algumas semanas de experiência, tive de admitir que era asseado, pontual e razoavelmente eficiente. No entanto, eu não gostava dele.

Kennie Jablonsky parecia um marginal. Eu conhecia a região onde ele morava - um reduto de gangues, drogas e violência. Seu linguajar era cheio de gírias; sua postura, esquisita; seu andar, apesar do molejo, controlado como o de um boxeador, e sua expressão, impenetrável como a porta de aço de um cofre de banco. Parecia que tinha uma tremenda força de vontade, cuidadosamente sob controle, pois queria ajustar-se a um grupo de trabalho altamente especializado de um hospital destinado a convalescentes.

A grande maioria de nossos pacientes chegava ali nos estágios finais de qualquer doença terminal ou devido à doença mais terminal de todas - a velhice. Os pacientes vinham quando já estavam fisicamente aleijados, fracos, confusos e derrotados, ou seja, incapazes de sobreviver sozinhos lá fora. Muitos deles já haviam perdido a capacidade de raciocinar com lógica, um infortúnio devido à saúde debilitada e à sociedade que, muitas vezes, é brutal e indiferente.

Maria B. era uma dessas pacientes. Os funcionários a chamavam de Maria B., pois era uma das quatro Marias da enfermaria Oeste. Aos 94 anos, Maria B. era frágil como o cristal. Ela perdera seu marido e irmãos e, se tinha filhos, eles já a haviam abandonado muito tempo atrás. Quando estava acordada, não ficava quieta.

Maria B. tinha uma obsessão, pois cismou que alguém havia furtado sua bolsa. Ela, sem nunca desistir de encontrá-la, a procurava horas a fio, noite e dia. A não ser que estivesse amarrada à cama ou à cadeira de rodas, saía para a rua ou entrava na enfermaria dos homens, ia à lavanderia ou à cozinha, sempre procurando sem cessar e insensatamente. Quando a impediam de continuar a busca, ela pedia que a colocassem em sua cadeira de rodas no corredor para fazer perguntas a qualquer pessoa que se aproximasse dela.

- Você pode me emprestar um pente? - perguntava ela. Perdi o meu, que estava na minha bolsa vermelha. Meu dinheiro também se foi. Onde está a minha bolsa? Onde está a minha bolsa? - repetia sem parar.

A mesma história todos os dias, até que ninguém mais prestava atenção às perguntas de Maria B., que não passavam de barulho de fundo,

como o tinir dos carrinhos carregados de bandejas empurrados ao longo dos corredores, o zumbir do ar-condicionado ou o barulho do interfone.

Todos nós sabíamos que Maria B. não tinha uma bolsa. No entanto, vez ou outra, embora sempre estivéssemos extremamente ocupados, alguém parava para dar-lhe atenção apenas por simples gentileza ou preocupação pela ansiedade dela. No entanto, a maioria de nós apenas passava por ela com a fala costumeira: "É claro, Maria, se eu vir sua bolsa, certamente a trarei para você".

A maioria de nós, exceto um.

A última coisa que eu esperaria de Kennie Jablonsky era que desse atenção a Maria B., mas, por mais estranho que pareça, ele sempre tinha algo a dizer para ela.

- O que esse fulano quer? - perguntava-me, à medida que o observava.

Minha primeira suspeita era de que ele arrumara esse emprego só para furtrar drogas. Eu achava que certamente havia descoberto um desordeiro.

Todos os dias que Maria B. parava Kennie para perguntar sobre sua bolsa, e ele lhe prometia que a procuraria, minhas suspeitas aumentavam. Por fim, cheguei à conclusão de que Kennie estava planejando algo que envolveria Maria B. Achava que ele, certamente, furtaria drogas e daria um jeito de escondê-las na cadeira de rodas dela. Depois desse primeiro passo, um cúmplice viria para levar a droga para fora do hospital. Tinha tanta certeza de que isso aconteceria, que decidi aumentar a segurança no departamento onde as drogas eram armazenadas.

Uma tarde, um pouco antes do jantar dos pacientes, vi Kennie andando pelo corredor com uma sacola de supermercado bem pesada.

É agora, pensei, enquanto deixava bem depressa minha escrivanhinha. Fui atrás dele, mas percebi que necessitava de mais evidências. Escondi-me atrás de um carrinho de lavanderia, cheio de cestas, empilhadas.

Essa pilha de cestas era alta o suficiente para esconder-me, embora fosse possível ver Kennie claramente enquanto ele se dirigia à cadeira de rodas de Maria B.

Assim que alcançou Maria B., virou-se bruscamente e olhou sobre seus ombros. Escondi-me para que não me visse, mas eu ainda podia vê-lo, esquadrinhando atentamente o corredor, olhando de cá para lá. Era óbvio que ele não queria que ninguém visse o que estava fazendo.

Quando levantou a sacola, fiquei imóvel... até que retirou uma bolsa vermelha dela.

As mãos de Maria B. moveram-se rapidamente e ela cobriu o rosto com aqueles dedos frágeis, um gesto que traduzia toda a sua admiração e alegria. Ela, como uma criança faminta pronta para pegar um pedaço de pão, agarrou a bolsa vermelha. Ela a segurou por um momento, apenas para admirá-la, e, a seguir, a pressionou contra o peito, embalando-a como se fosse um bebê.

Kennie virou-se e olhou os arredores atentamente. Após certificar-se de que ninguém o observava, debruçou-se sobre Maria B. e abriu a bolsa para mostrar-lhe o pente vermelho, o pequeno porta-níqueis e um par de

óculos de brinquedo. Lágrimas de alegria corriam pela face de Maria B. Pelo menos, achei que eram.

Lágrimas também banhavam meu rosto.

Kennie deu um tapinha amistoso no ombro de Maria B., amassou a sacola do supermercado, jogou-a no cesto de lixo mais próximo e foi para o fim do corredor, o local onde deveria desempenhar sua função.

Retomei para minha escrivaninha, sentei-me, abri a última gaveta e retirei dali minha velha e usada Bíblia. Abri em Mateus capítulo 7 e pedi ao Senhor que me perdoasse...

No fim de meu turno de trabalho, fiquei próximo à porta utilizada pelos auxiliares que chegavam ao trabalho ou pelos que estavam terminando seu turno. Kennie, com seu casaco e rádio, veio gingando ao longo do corredor.

- Oi Kennie! - disse. - Como está se saindo? Você acha que vai gostar deste trabalho?

Kennie ficou surpreso e, a seguir, encolheu os ombros.

- Esse é o melhor que encontrei e vou encontrar! - resmungou ele.

- Enfermagem é uma boa profissão! - arrisquei lhe dizer, pois uma idéia estava amadurecendo. - Você já considerou a possibilidade de ir para a universidade para graduar-se como enfermeiro?

- Tá brincando? - disse baixinho, entre dentes. - Sem chance!

Só estou aqui porque o curso de auxiliar de enfermagem foi gratuito!

Sabia que isso era verdade. Kennie colocou o rádio no chão e puxou o casaco.

- Universidade? Só se acontecer um milagre! Meu velho tá em cana, e minha mãe é viciada em cocaína!

Cerrei os dentes, mas mesmo assim fui capaz de sorrir para ele.

- Milagres acontecem! - disse-lhe. - Você iria para a universidade se eu encontrasse um meio de ajudá-lo com as despesas?

Kennie me encarou. Em um estalar de dedos o ar de marginal se desvaneceu e pude vislumbrar o que ele poderia vir a ser.

- Iria! - foi tudo o que disse.

No entanto, isso era o suficiente.

- Boa noite, Kennie! - disse-lhe enquanto ele segurava com força a maçaneta. - Tenho certeza de que poderemos fazer alguma coisa a esse respeito!

Tinha certeza, também, de que Maria B., no quarto 306 da enfermaria Oeste, dormia calmamente, abraçadinha à sua bolsa vermelha.